

Encontro de Pertença do grupo do Porto

Graal Porto, 9 de setembro de 2018



Leituras de José Tolentino Mendonça¹

Leitura 1

O desejo do ser humano é uma sede diversa: é o desejo de ser amado, olhado, cuidado, desejado e reconhecido. Ser humano é sentir que a existência depende desse reconhecimento, mais do que de outra coisa qualquer, e por isso está pronto a arriscar tudo, até a própria vida. Enquanto desejamos objetos, quaisquer que eles sejam; enquanto nos deixamos mover no encalce de coisas, carreiras, títulos, honorificências o nosso desejar não é ainda um desejar verdadeiro. O puro desejo principia quando se formula, sem mais, como nua abertura ao outro.

Hoje torna-se cada vez mais claro que as sociedades capitalistas, organizadas à roda do consumo, explorando avidamente as compulsões de satisfação de necessidades induzidas pela publicidade, estão na prática a remover a sede e o desejo tipicamente humanos. O discurso capitalista promete libertar o desejo das inibições da lei e da moral em nome de uma satisfação ilimitada. Mas quando o gozo, a paixão, a alegria se esgotam no consumismo desenfreado, seja de objetos seja das próprias pessoas, chegamos à extinção da sede, à agonia do desejo. A vida perde horizonte. Os tetos tornam-se cada vez mais baixos. Há nas nossas culturas, e nas nossas Igrejas de igual modo, um défice de desejo. (...) Nós os batizados formamos uma comunidade de desiderantes? Os cristãos têm sonhos? (...) A Igreja tem fome e sede de justiça (Mateus 5: 6)? Os cristãos esperam, de facto, segundo a promessa, «novos céus e nova terra, onde habita a justiça» (2 Pedro 3:13)? (...) Estamos de mangas arregaçadas ou de braços caídos? (páginas 55 – 57)

Leitura 2

¹José Tolentino Mendonça (2018), *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal.

Precisamos de redescobrir a bem-aventurança da sede. A pior coisa para um crente é estar saciado de Deus. A vida espiritual, na rotina das suas expressões, torna-se uma dose suficiente e tornamo-nos conformistas, não queremos mais. Dizemos para connosco: já fomos ao templo, já subimos a Jerusalém, já rezámos, já oferecemos o sacrifício e isso desobriga-nos dos encontros fundamentais com a fantástica e desconcertante surpresa de Deus. Talvez tenhamos criado imagens equívocas da vida cristã: um crente não é aquele que está saciado de Deus, o crente é aquele que tem sede e fome de Deus. A experiência da fé não é para resolver a sede, mas para ampliá-la, para dilatar o nosso desejo de Deus, para intensificar a nossa busca. Talvez precisemos de nos reconciliar com a nossa sede, dizendo mais vezes: «a minha sede é a minha bem-aventurança.» (páginas 156 – 157).

Música: Canto gregoriano, *Salmo 41* <https://www.youtube.com/watch?v=DI89Y1fbxtM>)

Partilha

Qual é a minha Sede?

Oração final

A oração da sede

Ensina-me, Senhor, a rezar a minha sede
A pedir-Te não que a arranques de mim ou a resolvas depressa

mas a amplies ainda
naquela medida que desconheço
e que apenas sei que é a Tua!

Ensina-me, Senhor, a beber da própria sede de Ti
como quem se alimenta mesmo às escuras
da frescura da nascente

Que a sede me torne mil vezes mendigo
me ponha enamorado e faça de mim peregrino
Que ela me obrigue a preferir a estrada à estalagem
e o aberto da confiança ao programado do cálculo

Que esta sede se torne o mapa e a viagem
a palavra acesa e o gesto que prepara
a mesa onde partilhamos o dom

E quando der de beber aos teus filhos seja
não porque tenha a posse da água
mas porque partilho com eles o que é a sede.

José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede*, p. 164



Louvarei para sempre o vosso nome, Senhor.